

SETE VIDAS TIRADAS DO TEMPO

Vitorino de Sousa
1995 / 2019

CAIUS
Roma, Itália. Século I.

- Salve, Caius. Queres vir jogar aos dados?

- Mais tarde, Lívio, mais tarde. A minha centúria foi destacada para crucificar uns ladrõezecos, e mais aquele tipo que passa a vida a pregar. Raios partam o homem, que só tem trazido perturbação a esta terra!

- Aquele a quem chamam Jesus?

- Pois, esse! Finalmente vamos pregá-lo na cruz! Já era tempo! A partir de amanhã vamos ter sossego, finalmente.

- Que os deuses o permitam, Caius! Quer dizer que amanhã é um dia especial.

- Aparece, que sempre gozamos um bocado.

- É capaz de ser boa ideia... Bom, vou indo... Salve, centurião!

- Adeus, Lívio! E que os deuses guiem a tua mão quando atirares os dados!

- Que se lixem os dados! Vou mas é dormir. Preciso de estar fresquinho para a festa de amanhã.

- Fazes bem! Bons sonhos!

- Até amanhã.

...

- Por Júpiter! Por que acordo a meio da noite neste desassossego? Por que desperto com estas inesperadas vibrações a ressoar nos meus ouvidos?

- Porque a tua consciência te perturba, Caius! Na véspera de grandes acontecimentos sempre se desencadeiam forças e movimentos purificadores, directamente proporcionais à grandeza do que vai acontecer. Amanhã vai ocorrer um evento fundamental, que exige esse tipo de preparação.

- Mas quem és tu que assim me fala? Por que asseguras que a minha consciência me perturba? Por que me falas de purificação?

- *Eu sou quem tem por função velar por ti, pelo teu crescimento e evolução. Mas a tua conduta grosseira tem impedido que te apercebas da minha presença. Enquanto assim continuares, pouco ou nada poderei fazer.*

- Então, por que razão te mostras hoje a mim que há tantos anos vivo grosseiramente, como dizes, defendendo com a minha força, coragem e dedicação este Império Romano que reina sobre o mundo civilizado?

- *O verdadeiro Império existe para além de Roma, de Atenas, Tebas ou de qualquer outra cidade. Mas deixemos isso, por agora. Decidi intervir, hoje, porque, dentro de algumas horas, vais participar num acontecimento ímpar que mudará o rumo de grande parte da Humanidade.*

- Referes-te à crucificação daquele desordeiro... como é que ele se chama?

- *Terás muitos anos para saber e entender o Seu nome. Apesar de Ele dizer que veio trazer-vos uma espada – que simboliza os novos conceitos que vos libertarão –, evita chamar-Lhe desordeiro. Quem perverte a ordem são vocês, romanos, que se julgam senhores do mundo civilizado e por civilizar. Nem de vocês mesmos são senhores, quanto mais das criaturas que subjugaram!*

- Mas, então, quem é esse homem que, só por ir ser crucificado, vai mudar o rumo da Humanidade? Estávamos nós bem lixados se cada bandido que crucificamos tivesse o poder de mudar o rumo da história!

- *Podes ser ignorante, centurião, mas escusas de o demonstrar!*

- Vou deixar passar em claro essa ofensa, e peço-te que respondas: Quem é esse homem?

- *Limita-se a ser um homem que conhece o que o Homem tem sido, o que é e o que virá a ser. Por isso desceu à Terra para transmitir o novo código que muita gente há-de conduzir de retorno à Fonte. E sabes por que faz Ele esse sacrifício?*

- Sacrifício? Sacrifício faço eu, que podia ficar a descansar, ir aos banhos, jogar uns dados...

É um sacrifício porque o ser humano perdeu-se dentro de si mesmo, criou os seus próprios labirintos e meteu-os uns dentro dos outros. Perdeu a noção das suas origens, o que faz na Terra e para onde vai. Os homens deixam-se conduzir por outros homens – vê o que se passa no teu tão adorado Império Romano –, os quais, por sua vez, também desconhecem de onde vieram e para onde vão. São como cegos conduzindo outros cegos! Os seres humanos – principalmente tu, centurião Caius –, desconhecem as suas verdadeiras potencialidades, tardam em reconhecer que acolhem a Centelha Sagrada dentro do peito.

- Que eu saiba Júpiter e os demais deuses estão nos seus respetivos templos, aonde os vamos adorar. Dentro do peito? Que estranha conversa!

- *Foi isso que aquele homem veio dizer-vos. E vocês, não só o ouviram, como vão crucificá-lo. Tu, centurião, vais estar presente, vais dar-lhe uma esponja embebida em vinagre, para que mate a sede, vais garantir que os cravos fiquem bem pregados, que a cruz seja bem fixada no chão. Tu*

vais estar lá, Caius. Portanto, aconselho-te: nessa hora olha bem para Ele e procura ouvir o que te vai dizer.

- Ouve lá, ó tu que desconheço quem sejas. Achas que ele, depois de chicoteado e pregado na cruz, vai ser capaz de dizer seja o que for? Ainda por cima a mim?

- Da sua boca poucas palavras sairão. O que te aconselho é que, perante a sua agonia, procures ouvi-lo dentro de ti. E fica sabendo que, se fores incapaz de o ouvir com os teus ouvidos internos, Ele continuará a falar-te baixinho nos dias, meses, anos seguintes, como está a fazer neste momento por meu intermédio.

- Estás aí com essa conversa, mas farias melhor se te calasses. Sabes, por acaso, o que custa ser crucificado? Duvido que saibas como é difícil ultrapassar a dor. Morrerá incapaz de pronunciar outra coisa, excepto que acabem com ele rapidamente!

- É impossível presenciar a morte seja de quem for, pela simples razão de que aquilo a que chamas morte é somente uma passagem, uma transição. Dentro de algumas horas, tu e os teus soldados romanos irão presenciar algo que irão considerar um milagre. Mas fica sabendo que os milagres – tal como a morte –, jamais ocorrem. Se algo é tido por um milagre, é porque a capacidade de compreensão de quem presencia esse evento é incapaz de identificar as leis em que ele se baseia.

- Tudo isto é muito estranho! Afinal, por que estou eu aqui a dar-te trela, quando poderia estar a dormir?

- E eu te pergunto: Como consegues dormir? Tiveste tempo para descansar desde que, enquanto Nark, foste retirado da Atlântida...

- Nark? Atlântida? De que estás tu a falar?

- Uma das tuas encarnações anteriores foi vivida no período em que a civilização atlante soçobrou. Nessa ocasião, assumiste a forma feminina de uma curadora, inocente de coração, a quem, nos últimos meses que antecederam a catástrofe, foi dada a ventura de contactar com o poder do Amor humano. Mas tiveste medo!

- Essa agora! Tu és muito engraçado! Sejas lá quem fores, tens uma imaginação muito fértil. Começo a gostar de ti por causa disso. Mas deixa-te de tretas e diz lá por que estou eu a falar contigo, em vez de dormir?

- Estás aqui a falar comigo porque eu pretendo que te transformes num ser que aceita o desconforto daquele Vento Curador que apaga o eco das suas faltas. Pretendo que te transformes num ser que nada teme, porque a inocência da entrega assegura a protecção. Deves ser tudo o que for preciso, para que a Lucidez cresça neste mundo obscuro. Isto é o que eu quero de ti. Nada mais.

- Mas, por Júpiter! Como posso ser essas coisas todas de que falas? Eu sou um centurião do exército romano, o qual sirvo e quero continuar a servir. Para mim, chega e sobra!

- *As perguntas que deves fazer são: Quem sou eu? Para onde vou? Qual o caminho que devo percorrer? Estas são as questões que precisas de encarar de frente. Quanto às respostas, há muito estão impressas no teu espírito. Ousa ouvir, assumir e pô-las em prática.*

- E eu sei lá como é que isso se faz! É difícil entender o que pretendes. Repara bem, ó voz estranha, eu já sei muito bem quem sou: sou um centurião romano, chamado Caius, que tem o corpo coberto de cicatrizes das batalhas em que participei e venci, para glória do Imperador. Também sei para onde vou: vou a caminho da idade madura, percorrendo a via do serviço militar a que me dediquei, porque gosto de estar integrado numa hierarquia bem estruturada, porque gosto da ordem e da disciplina, do ambiente das tendas de campanha e das casernas, da gritaria dos campos de batalha, do rufar dos tambores e do sangue a escorrer. E julgas que desconheço o caminho que devo percorrer? Sei perfeitamente que devo percorrer o caminho da entrega às armas, cumprindo as obrigações que o regulamento me impõe. E – desculpa lá a franqueza –, neste momento devo cumprir a obrigação de voltar a adormecer, senão amanhã estarei rabugento, incapaz de desfrutar o milagre que vai mudar o rumo da história da Humanidade!

- *Muito bem. Antes de te deixar com as tuas ironias e sarcasmos, quero dizer-te que o exército que deves servir é outro. A estratégia deste Exército de que te falo, baseia-se na iluminação, em vez de na conquista territorial, no domínio, na escravatura e na aniquilação física. Assim é porque, em face da Verdade, as ilusões e as mentiras são forçadas a cair. Perante a expansão da consciência amorosa – lembra-te lá tu do que isso seja, ó ex-Nark –, a ferocidade desaparece. Adeus, Caius. Bendito sejas. Torna-te cristalino para que se possa ver a Verdade através de ti.*

...

- Aqui estou eu, outra vez, deitado neste catre, sem poder dormir. Há três dias que ando nisto, sem conseguir perceber o que é que se passa. Já estou farto de te chamar, ó Voz Estranha, mas... Por que te escondes no silêncio? Por que raio me deixas neste isolamento, nesta angústia, neste vazio...

- *É para que te descubras, Caius!*

- Ah! Finalmente!

- *Finalmente, digo eu. Finalmente, começaste a olhar para dentro. Vejo que algo mudou em ti. Só agora me fiz presente na tua consciência, porque precisavas de tempo para digerir a experiência que viveste, durante a crucificação. Eu sei o que se passou, Caius. Como poderia eu deixar de presenciar o inacreditável espectáculo que vocês montaram? Mas, agora, que já te perdeste o suficiente, quero ouvir a tua versão do que se passou.*

- Passou-se que me senti muito mal, muito mal mesmo. Aliás, desde a crucificação daquele... sabes?... enfim, desde a morte dele que me sinto desamparado. Uma trabalhadeira para os meus soldados não se aperceberem. A morte daquele homem...

- *Ele continua vivo, Caius!*

- Custa-me a entender como possa ser possível, mas, enfim... Se tu o dizes...

- *Digo porque só posso dizer a verdade. A Verdade é a Lei Suprema. E já que, em breve, te vais transformar num arauto dessa Lei, tens de aprender a reconhecer a atuação dela em ti mesmo. Olha bem para ti, Caius. Há dias disse-te que já viveste neste planeta, que te chamaste Nark, que foste curadora e que o teu coração cedeu ao amor, pouco tempo antes de abandonares o corpo de que a tua alma se serviu para expressar, na Terra, o Espírito que a anima. Quando te disse isto achaste-me “engraçado”, com propensão para fantasiar. Lembras-te? O que te disse está certo. Tão certo como, um dia, novamente terás de largar esse lastro físico que agora não consegue descansar. No futuro, farás outras experiências na Terra, tantas quantas forem necessárias para te purificares dessa amnésia que te vitima.*

- Muito bem. Admitamos que ele continua vivo. Mas isso não me alivia o desconforto...

- *Por agora, é natural teres a sensação de que o facto de ele continuar vivo, pouco ou nada alivia o teu desconforto. Mas há-de passar. Isso te garanto. Mas continua a dar-me a tua versão do que se passou.*

- Bom, estava eu a dizer que me senti muito mal. Muito mal, mesmo. Algo me perturbou profundamente, porque me pareceu que... Mas... Como tal coisa pôde ser possível?... Pareceu-me que ele me falava. Porém, os seus lábios estavam lívidos, secos, pedindo água. A sua voz calou qualquer expressão de súplica e só o pedido de água se ouviu. A cabeça estava caída sobre o peito, a sangrar. Os seus olhos, porém, encaravam-me de uma forma estranhamente branda. Sim, eu estava ali, aos seus pés, a olhar para cima, completamente paralisado, com a esponja espetada num pilo. Mas... Por que estaria eu a ver de forma diferente? Seria porque estivesse a sentir? A verdade é que, tal como me disseste que aconteceria, um discurso começou a vibrar dentro da minha cabeça. Foi uma coisa tão surpreendente que...

- *Lembras-te do que Ele te disse?*

Começou mais ou menos assim:

Uma esponja, por meu Pai me está sendo colocada agora, ternamente, debaixo dos olhos, para aparar as minhas lágrimas. E tu, Caius, estás a oferecer-me outra, impura, para que sorva o vinagre com que, neste Monte, se mata a sede.

Depois, vendo o meu terror, continuou:

Vês? É uma flanela branca e macia que me está enfaixando da cintura às coxas torturadas, em vez do tecido áspero com que tentaram assar-me estas partes, fisicamente rebeldes.

Quando eu desviei o olhar porque já não conseguia encará-lo, acrescentou:

O que escorre pelo meu corpo é a Lucidez com que a Fonte me impregnou, não o sangue moribundo que a incompreensão e ignorância fez sair de onde circulava. O que cinge a minha cabeça, é um halo dourado que se espargirá por muitas partes da Terra, descobertas e por descobrir, não esta coroa de espinhos com que os teus soldados, rindo, me coroaram. Esta coroa fere a minha pele tisonada, centurião, mas ela escureceu sob um

Sol diferente daquele que te ilumina e faz suar. Esse outro Sol de que te falo, haverá de acender-se, sem tisonar, no coração de todos os homens. No teu também, Caius.

Estava eu a esforçar-me para que os meus legionários não se apercebessem da minha insegurança e atrapalhação, quando ouvi:

Caius, tu que me crucificas, ouve o que digo: o que atravessa os meus pés são os ternos beijos da Mãe, em vez dos pregos romanos que ajudaste a cravar em mim e nestes dois infelizes que aqui estão ao meu lado. A dor que lhes infligiste obriga as lágrimas a brotarem da carne torturada dos seus olhos, como se fossem o sumo da desgraça. O meu caso, porém, é diferente. As lágrimas que vês no meu rosto têm o poder de te curar, fazendo com que todo o sofrimento acumulado e toda a dor açaimada desapareçam para sempre. Procura sentir o que te disse. Adeus, Caius. Agora, tenho de partir.

- Foi isto que ouvi, no Gólgota. Foi uma mensagem? Um desafio? Uma confissão? O que é que se passou? Fala, por favor! Porque é que não consigo serenar? Que devo fazer?

- Espera, Caius. Espera serenamente. E, sobretudo, mantém o contacto com o Silêncio. Se, um dia, sentires que tens de deixar de adorar os deuses que tens adorado até agora, faz o que o teu coração te ditar. Se, um dia, te parecer que tens de desistir da tua função de centurião, segue a mesma estratégia: faz o que o teu coração te aconselhar. O que interessa é que sejas lúcido e pacífico. Mas, por agora, o mais importante é o seguinte: perdoa-te e perdoa a quem ordenou a crucificação, assim como a quem, de alguma maneira, nela participou. Em verdade te digo que nem tu, nem eles, sabem o que fizeram.
